

EDITORIAL

Por Ana Gaspar Nunes

Vice-Presidente do Conselho de Administração

A 23 de março de 2012, partiu a fundadora da VIDA, Maria da Luz Vasconcelos e Souza, que ainda hoje ilumina os caminhos que percorremos.

Oito anos voaram desde que nos deixaste! Oito anos sem ti mas cheios de ti. “A pessoa morre; a obra não.” - disseste-nos. E continua. Continua num mundo ao contrário, que vive uma prova que não estará à altura de muitos, porque não querem, porque fecham os olhos, porque olhar e cuidar do Outro não é fácil no egoísmo de cada um. Vivemos tempos complicados, que refletem, mais que nunca, problemas que há muito existem e que serão ainda mais duros para nós e para aqueles com quem trabalhamos.

A nossa riqueza não é visível aos olhos de todos; é uma missão, por si, já difícil e mais se torna neste cenário. Ajuda-nos, inspira-nos, continua a mostrar-nos o caminho, pois acredito que o tens feito ao longo destes oito anos... que a esperança não nos abandone! Continuemos a semear, mesmo naquele pedaço de terra mais arenoso, na certeza de que algo há-de florir!

Na VIDA, na tua VIDA, na nossa VIDA, todos os dias acreditamos que a nossa missão de trabalhar e viver com as comunidades mais vulneráveis continua, mais do que nunca, a fazer sentido. É o nosso Norte nos novos velhos caminhos que percorremos com as famílias na procura de soluções que as sirvam.

Crescemos, Luz! Em todas as dimensões da palavra. Incansavelmente, as nossas equipas trabalham diariamente, quer em Portugal quer na Guiné-Bissau



e em Moçambique, para encontrar com as famílias e com todos os parceiros, os caminhos que as libertem da pobreza extrema, e que as dignifiquem enquanto pessoas, inteiras e livres.

As redes que criámos com as famílias e comunidades proporcionam a partilha e o conhecimento profundo das suas realidades; e envolvem-nas em mecanismos locais de solidariedade e autoajuda que as tornam visíveis para os mapas institucionais, ligando-as aos respetivos serviços e instituições locais.

Esta é a Missão que tu nos deixaste, que orgulhosamente abraçámos e que jamais deixaremos. Que possuamos a sapiência de reafirmar a solidariedade, superando os desafios que surgem e rompendo com a indiferença que nos rodeia, não deixando ninguém para trás. Que no fim a Humanidade, que ainda existe em cada um de nós, vença!

Saudades tuas! •

O NOSSO FUTURO É HOJE

Sara Sangareau

Representante em Moçambique

Coordenadora de projeto

“O nosso futuro é hoje – Fortalecimento da Resiliência Alimentar e Ambiental das Famílias Vulneráveis” é o nome do projeto atual, a decorrer no distrito de Matutuine, província de Maputo, Moçambique, e que vem dar continuidade ao trabalho desenvolvido pela VIDA neste país, mas sobretudo, vem reforçar o nosso compromisso com as populações vulneráveis de comunidades rurais em situações de extremo isolamento, nomeadamente Machangulo e Gueveza.

“ Este projeto tem duas componentes: uma ligada à saúde comunitária, onde iremos reforçar o papel das ativistas do Gabinete de Segurança Alimentar e Nutricional da UAAMAT; e uma componente agrícola e ambiental, em que iremos procurar soluções para os camponeses do distrito. ”

No âmbito da saúde comunitária, estamos a reforçar o papel de 45 ativistas do Gabinete SAN da UAAMAT nas comunidades onde residem e a alinhar as suas atividades com as recomendações dos Serviços Distritais de Saúde Mulher e Ação Social, assim como do Ministério de Saúde. Pretende-se também constituir uma rede de ativistas de saúde comunitária no distrito, que apoiem o trabalho dos Agentes Polivalentes Elementares (APEs), formado por ativistas de diferentes organizações, sendo a Peace Park Foundations uma delas.

Os desafios para estas ativistas são vários, uma vez que os centros de saúde estão a uma longa distância das comunidades onde residem e os APEs no distrito não são suficientes para acompanhar de perto todas as famílias dos povoados onde trabalham. Ainda assim,

estas ativistas são fundamentais na divulgação de informação nutricional e aconselhamento de Mulheres Grávidas e famílias com crianças menores de 5 anos. Este acompanhamento previne que doentes ou pessoas desnutridas cheguem a situações graves e que sejam devidamente encaminhados para o APE ou Centro de Saúde.

Quanto às características do distrito para a produção agrícola, as comunidades têm enfrentado diferentes constrangimentos, mas muitas delas sofrem com a falta de água e com os solos arenosos. Para fazer face a estas dificuldades, a partir do Centro de Experimentação Ambiental em Djabula, estamos a testar práticas de Agroecologia com o principal intuito de verificar as melhores culturas e métodos a serem replicados no seio familiar e garantir a segurança alimentar nas comunidades. Estas atividades têm sido desenvolvidas com o apoio técnico da Wakeseed - Agroecologia.

A par destas atividades, construímos um viveiro florestal, estamos a recolher sementes locais e começámos a multiplicar árvores nativas de fruto e árvores madeiras na perspetiva de realizarmos algumas ações de reflorestamento no distrito, mas principalmente em seis escolas primárias.

Este projeto está devidamente alinhado com as necessidades das famílias do distrito, que apesar de ter uma nova estrada que conecta a capital Maputo à fronteira com a África do Sul, não tem sentido um desenvolvimento significativo. Na realidade, podemos considerar que no último ano a exploração de carvão aumentou, aumentando consigo as áreas desflorestadas; e que as estradas reduziram as distâncias para que os jovens abandonassem a região em busca de melhores oportunidade nas grandes cidades.

TABANKA DE SUZANA, UM LUGAR MÁGICO: *My Summer Research Internship*

Simão Paiva

Estudante de Economia

Estágio no projeto de investigação “Belief Systems and Health Behaviors in Guinea Bissau” do centro NOVAFRICA em parceria com a VIDA

No verão de 2019 tive a oportunidade de trabalhar num projeto de investigação do NOVAFRICA através dos seus programas de estágio. Sendo um estudante de mestrado com particular interesse em Economia do Desenvolvimento, uma área na qual me pretendo focar como futuro investigador, considero que foi uma experiência bastante enriquecedora em importantes e diversos componentes do que é um estágio de investigação. Não só foi possível aplicar os conhecimentos que adquiri ao longo do último ano letivo, enquanto estudante, como tive a oportunidade de aprender muito mais sobre o que é o trabalho de ‘campo’, onde encontrei vários desafios no dia a dia como assistente de investigação a trabalhar neste contexto.

A minha experiência teve lugar em Suzana, na Guiné-Bissau, uma aldeia remota, longe da capital Bissau (não tão longe em distância como em horas de viagem). Depois de aterrar em Bissau e ficar por alguns dias, para comprar comida e água para todo o mês seguinte (não há supermercados em Suzana, de tipo algum) e alguns outros bens essenciais, como materiais de escritório que iriam ser necessários para a realização das atividades de campo, finalmente iniciámos a nossa curta, mas demorada viagem até Suzana.

Foram 150 quilómetros feitos em 6 horas de viagem, num grande jipe que andava por estradas esburacadas e de terra batida, todo o caminho aos saltos até chegar ao destino. O destino, Suzana, é um lugar mágico.

O calor estonteante dos trópicos e andar perdido pela cidade caótica, mas muito acolhedora de Bissau tinha ficado para trás. Ao chegar a Suzana, senti que estava numa outra dimensão, num sítio remoto, dentro da floresta, no meio da natureza e do seu estado mais puro. Todas as paisagens naturais que rodeavam e se misturavam com a aldeia, características das zonas rurais da Guiné-Bissau estavam presentes em Suzana. Desde os verdes fortes e densos aos campos extensos de arrozais emergidos em água (as ‘bolanhas’), às casas tradicionais com telhados de palha, e aos animais de criação domésticos que andavam soltos pelas ruas enlameadas de Suzana até às cobras que por duas vezes me apareceram à porta de casa, a natureza estava por toda a parte, numa forma muito única e autêntica.

la ficar em Suzana dois meses. O tempo era curto para todo o trabalho que era preciso desenvolver. Será importante notar que tudo o que pode ser feito com agilidade e rapidez num contexto de trabalho ao qual eu estava habituado, num lugar tão remoto como Suzana, torna-se num cenário de trabalho complexo e desafiante onde a rede é fraca, e as comunicações lentas e, por vezes, até inexistentes devido às fortes tempestades que aconteciam todas as semanas. Felizmente fomos sempre capazes de ultrapassar as limitações e foi possível completar todas as tarefas no tempo devido.

Fui colocado no projeto “Belief Systems and Health Behaviors in Guinea Bissau - Mutualidades de Suzana”, um projeto de investigação na área da saúde, em parceria com a ONG VIDA. O sistema de mutualidade de saúde de Suzana e Varela funciona de forma semelhante a um seguro de saúde,

mas beneficia do envolvimento da comunidade no projeto. Explicando de forma sucinta, os habitantes locais que decidam aderir ao programa pagam uma quota reduzida, mensal ou anual, e podem beneficiar e consultas gratuitas e ilimitadas no centro de saúde de Suzana, dos medicamentos que necessitem e lhes sejam prescritos, assim como de deslocação gratuita para o hospital mais próximo em caso de maior necessidade.

Eu estava responsável pela promoção do projeto e pela intervenção de campo, que tinha por objetivo aumentar a taxa de participação da comunidade no sistema da mutualidade. Também, de forma a que fosse possível analisar e medir, posteriormente, o impacto da intervenção, foi necessário fazer nova recolha de dados.

Assim, durante a minha estadia, realizaram-se várias atividades de campo, tais como preparar e testar os questionários, treinar e coordenar a equipa de inquirição que, dia a dia, aplicava os inquéritos porta a porta por todos os agregados familiares de Suzana, preparar a intervenção, e desenvolver uma sessão de treino com as mulheres líderes da comunidade de Suzana, que iriam atuar como promotoras do projeto. Finalmente, foi ainda realizada a recolha de dados pós intervenção de forma a que fosse possível avaliar o impacto da mesma, isto é, se o trabalho realizado pelas mulheres promotoras teve impacto na taxa de participação no sistema da mutualidade. Uma outra parte importante do trabalho que realizei consistiu em fazer a gestão e limpeza dos dados recolhidos.

Claro que a maior parte da experiência foi focalizada no trabalho, na aprendizagem, na resolução diária de obstáculos, onde a cada novo dia surgiam desafios e, por isso, relevo o desenvolvimento de competências profissionais que me servirão no futuro. Mas o que mais me marcou pessoalmente nos dois meses que vivi na Guiné-Bissau foi, sem dúvida, todo o contacto



Associada da Mutualidade de Saúde de Suzana e Varela no momento de entrega de cartões aos associados mutualistas SUZANA, 2018

que tive com as pessoas locais, todas as pessoas que conheci ao longo da minha estadia, os amigos que fiz e os sorrisos que partilhei com as pessoas de Suzana, a missão de ajudar e a oportunidade que tive de participar e contribuir para a criação e fortalecimento de estruturas que têm impactos positivos na vida de cada um.

Os guineenses são um povo muito acolhedor, sempre disponíveis, cheios de vontade de conversar, partilhar histórias e momentos com pessoas de fora e criar uma relação próxima de amizade. À medida que fui aprendendo a falar crioulo, fui-me também aproximando das pessoas e foi possível conhecer melhor a cultura guineense, que é tão rica e com uma diversidade enorme de grupos étnicos, de tradições e tanto mais por descobrir.

Fiz verdadeiros amigos, que me fizeram sempre sentir em casa, que partilharam histórias comigo e com quem eu partilhei histórias minhas, que me convidaram para visitar as suas casas, conhecer as suas famílias e me sentar a comer e conversar com os seus familiares. Tive até a oportunidade de jogar futebol no grande estádio de Suzana com os jovens locais. Foi um grande jogo! •

SOMOS MOÇAMBIQUE 1 ano depois do ciclone Idai

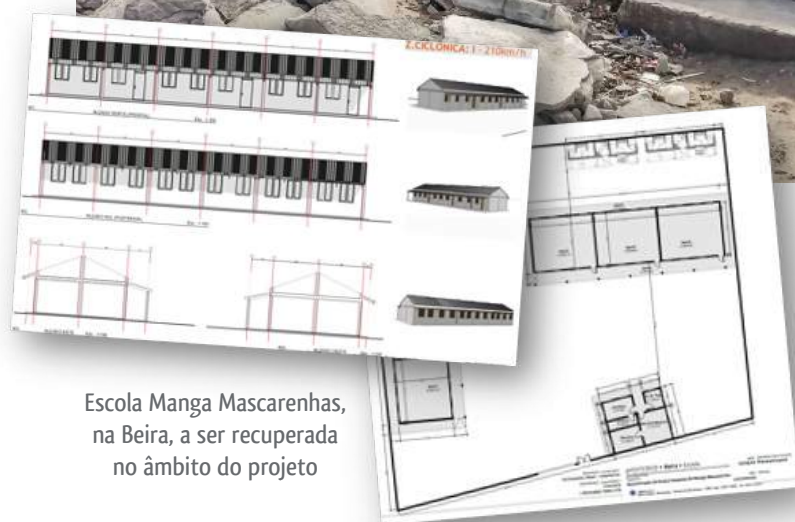
Há um ano, a 14 de março de 2019, o ciclone Idai atingiu Moçambique, deixando um rasto de destruição significativa nas províncias de Sofala, Zambézia, Manica e Tete.

Precisamente há um ano, a VIDA juntou-se à FEC - Fundação Fé e Cooperação e à FGS - Fundação Gonçalo da Silveira e VIDA – três ONGD portuguesas com presença e trabalho em Moçambique –, para preparar uma resposta integrada e concertada na província de Sofala, iniciando uma campanha de recolha de donativos em Portugal.

Combinando competências e recursos, bem como a sólida experiência de intervenção em áreas complementares, foi definido um projeto para o período pós-emergência com diversos parceiros no terreno e com o Camões – Cooperação Portuguesa.

Um ano depois do ciclone Idai:

- Realizámos um levantamento de necessidades reais no terreno em articulação com os parceiros e autoridades na região, que ajudou a identificar ações prioritárias;
- Iniciámos o processo para a reconstrução da escola Manga Mascarenhas, na Beira, tendo concluído todos os procedimentos legais e administrativos necessários. Esperamos até ao final de março, iniciar as obras de reconstrução;
- Entregámos material administrativo e equipamento informático à escola comunitária Santos Inocentes, na Beira;
- Entregámos material de higiene e saneamento para o espaço escolar em cinco escolas da Beira;



Escola Manga Mascarenhas, na Beira, a ser recuperada no âmbito do projeto

- Apoiámos a realização de uma sessão de sensibilização em Apoio Psicossocial, de acordo com o Manual elaborado pelo Ministério da Educação moçambicano e pelo Cluster da Educação, que fornece ferramentas aos educadores/professores para se tornarem aptos para apoiar as crianças em situações de crise e calamidade.

Este ano, iniciámos ainda a 2ª fase do “Somos Moçambique” que pretende dar continuidade à intervenção iniciada na fase pós-emergência, e na qual serão aprofundadas diversas atividades com o objetivo de reforçar a capacidade de resiliência e de autossuficiência das famílias do bairro Manga Mascarenhas, através do reforço das suas estruturas de educação, saúde e do desenvolvimento de capacidade de cooperação.

Esperamos com esta intervenção reduzir a vulnerabilidade destas famílias face a futuros desastres naturais. •

No âmbito do projeto *“Reforço dos serviços de nutrição e da gestão integrada nos centros de saúde dos setores de S. Domingos e Bigene - região de Cacheu”*, na Guiné-Bissau, decorre o diagnóstico inicial em 14 tabancas de sete áreas sanitárias desta região. Este diagnóstico permite avaliar o estado nutricional das crianças menores de 5 anos e os conhecimentos/práticas alimentares das famílias, permitindo adequar a intervenção às necessidades.

De uma forma integrada, este projeto, implementado pela VIDA em parceria com a Helpo e a Mundo A Sorrir, pretende reforçar as capacidades dos técnicos de saúde para a melhoria do estado nutricional e da saúde oral de grávidas e crianças. Financiado pela Cooperação Portuguesa e UNICEF.



No Centro de Desenvolvimento Comunitário de Djabula, já começaram as formações em **Segurança Alimentar e Nutrição** para as Ativistas da União de Associações Agrárias de Matutuine e para as Agentes Polivalentes Elementares (APE) do distrito de Matutuine, em Moçambique. As ativistas receberam formação em nutrição e saneamento do meio para continuar o acompanhamento e apoio às famílias nas suas comunidades.

Com o apoio dos técnicos dos Serviços Distritais de Saúde e Ação Social, foi ainda estabelecido um protocolo para sinalização e encaminhamento dos doentes para o respetivo APE ou unidade sanitária mais próxima.

Atividade do projeto *“O nosso futuro é hoje: Fortalecimento da resiliência alimentar e ambiental das comunidades vulneráveis do distrito de Matutuine”*, financiado pela Cooperação Portuguesa e Fundación Ayuda en Acción.

Já saiu a primeira versão do estudo sobre os incentivos não financeiros aos Agentes de Saúde Comunitária na Guiné-Bissau (disponível em www.vida.org.pt), realizado pelo NOVAFRICA no âmbito do projeto *“Estratégia para a aceleração da redução da mortalidade materna, neonatal e infantojuvenil na Guiné-Bissau - Setor Autónomo de Bissau”*:

- A valorização do Agente de Saúde Comunitária na sua comunidade com base no desempenho, medido através dos instrumentos de avaliação já existentes no projeto, melhora o seu desempenho junto das famílias e tem um efeito positivo sobre os seus conhecimentos das Práticas Familiares Essenciais.
- A combinação destes dois efeitos tem um impacto positivo sobre o conhecimento destas mesmas práticas pelas famílias e na saúde das crianças menores de 5 anos.

